

OPINIÃO

O novo ciclo da TI em 2026: IA, nuvem, segurança e talento como vetores de transformação

O mercado global de tecnologia da informação vive um dos ciclos mais dinâmicos das últimas décadas.

A medida que empresas de todos os setores aceleram a adoção de inteligência artificial, modernização de infraestrutura e migração para ambientes de nuvem, os gastos globais com TI devem ultrapassar a marca dos US\$ 6 trilhões em 2026, segundo projeções de institutos líderes do setor. Essa transformação profunda aponta para novos modelos de negócio e uma demanda sem precedentes por profissionais qualificados.

Esse movimento de reorganização tecnológica, impulsionado principalmente por software, serviços corporativos e data centers, chega ao Brasil com força total. O país já lidera os investimentos em TI na América Latina e ocupa posição relevante no ranking mundial, apresentando crescimento consistente em soluções de infraestrutura digital e serviços especializados.

No contexto brasileiro, quatro vetores de transformação merecem destaque. O primeiro é a expansão da computação em nuvem em modelos híbridos e multi-cloud, que avança rapidamente e demanda uma infraestrutura mais robusta, interoperabilidade entre serviços e investimentos crescentes em data centers, conectividade de alta performance e plataformas de gestão cada vez mais sofisticadas.

Outro movimento relevante é o fortalecimento da inteligência artificial como o grande motor de inovação. A fase experimental ficou para trás. As organizações já aplicam IA de forma prática e em escala, automatizando fluxos de trabalho, aprimorando experiências de atendimento e explorando análises preditivas que geram impactos reais nos negócios.

A segurança cibernética também se consolida como peça central desse ecossistema. Ambientes digitais cada vez mais complexos e regulamentações mais rigorosas, como a LGPD, ampliam a importância da proteção de dados. A cibersegurança deixa de ser tratada como custo e passa a ser vista como investimento estratégico, essencial para garantir continuidade operacional, confiança e conformidade.

Por fim, permanece o desafio da formação e da disponibilidade de talentos. A velocidade da evolução tecnológica supera a capacidade de preparar profissionais em áreas críticas como engenharia de dados,

Antonio José de Freitas (*)

machine learning, DevOps e segurança da informação. Esse cenário reforça a necessidade de modelos flexíveis de contratação e do apoio de parceiros especializados em staff augmentation, garantindo que as empresas tenham agilidade e acesso à expertise necessária para sustentar seus projetos de transformação digital.

Essa escassez de especialistas, aliás, representa um dos grandes desafios para 2026. Por isso, empresas que desejam manter a competitividade precisam olhar para estratégias de recrutamento global, programas contínuos de capacitação e, cada vez mais, parcerias com organizações especializadas em *staff augmentation* e serviços gerenciados (Managed Services) para acessar talentos e soluções sob demanda.

Como executivo de uma empresa global com foco em tecnologia e força de trabalho altamente qualificada, observo diariamente a intensidade dessa transformação. Vivemos um momento singular, a combinação entre capital disponível, maturidade digital das empresas e novas arquiteturas de IA e Cloud torna o ambiente extremamente favorável para inovação, produtividade e geração de valor. No Brasil, isso se traduz em oportunidades inéditas para investimentos em infraestrutura e desenvolvimento de pessoas.

A entrada em 2026 exigirá das organizações um equilíbrio estratégico entre tecnologia e talento. Será indispensável investir mais, e melhor, em plataformas que suportem IA e segurança cibernética, e em arquiteturas escaláveis. Mas, acima de tudo, será preciso estruturar times capazes de operar essa tecnologia com profundidade e qualidade. É essa convergência entre capacidade técnica e capital humano que determinará quem aproveitará o potencial do ciclo de crescimento que se inicia.

O futuro da TI no Brasil passa por decisões que estão sendo tomadas agora. As empresas que conseguirem alinhar investimentos estratégicos, inovação contínua e o desenvolvimento prioritário de seus talentos terão não apenas um ano promissor, mas uma vantagem competitiva duradoura em um mercado cada vez mais globalizado e, ainda que possa parecer paradoxal, cada vez mais dependente da capacidade e inteligência de suas pessoas.

(*) CEO da Dexian Brasil e vice-presidente para a América Latina da Dexian, empresa global especializada em soluções de staffing, tecnologia da informação e complementação da força de trabalho.

Parece que Zuckerberg desistiu do Metaverso

Em outubro de 2021, o chefe do Facebook, Mark Zuckerberg, anunciou que sua empresa passaria a se chamar Meta, mais um sinal da aposta bilionária no Metaverso, um mundo virtual compartilhado, que combinaria realidade virtual, aumentada e a própria internet, criando uma espécie de “universo paralelo” digital.

Vivaldo José Breternitz (*)

A aposta tem se mostrado um desastre: a Meta já perdeu mais de US\$ 70 bilhões com o Metaverso, número que tem deixado investidores inquietos e acreditando cada vez menos na visão de Zuckerberg de que passaríamos a viver em um universo virtual.

Agora, segundo a Bloomberg, executivos da Meta estudam cortes de até 30% nas equipes responsáveis pelos projetos ligados ao Metaverso; as demissões podem começar a qualquer momento. A notícia foi recebida com alívio pelo mercado: as ações da Meta subiram mais de 4% logo após o anúncio das prováveis medidas, sinalizando o cansaço dos investidores com a insistência da empresa em “fazer o metaverso acontecer”.

Enquanto isso, Zuckerberg já encontrou uma nova obsessão: inteligência artificial. A Meta se comprometeu a investir cerca de US\$ 72 bilhões em IA nos próximos meses, praticamente o mesmo montante perdido com o Metaverso.

Os cortes fazem parte de uma estratégia mais ampla de redução de 10% nos gastos da Meta, e devem atingir principalmente a divisão Reality Labs, responsável pelas iniciativas de realidade virtual e aumentada, que incluem o Metaverso.



XD4D_CANVA

Vale lembrar um antepassado do Metaverso, o Second Life, que também pretendia ser um grande mundo virtual. Lançado em 2003 pela empresa Linden Lab, permitia aos usuários criar avatares, interagir socialmente e até fazer negócios usando uma moeda própria.

Universidades, empresas e até governos criaram espaços virtuais dentro da plataforma, dentre eles pelo menos um grande banco e uma grande universidade brasileiros; chegou a ter milhões de usuários, mas com a mesma velocidade que surgiu, desapareceu, principalmente

em função de problemas técnicos, visual tosco e da chegada de redes sociais mais dinâmicas. O Second Life ainda existe, mas hoje é um nicho voltado para comunidades específicas

O Metaverso pode ter alguma sobrevivência, em função da importância dada a ele por Zuckerberg, mas ao que parece, essa sobrevivência não deve ser longa, pois Zuck pode ser louco, mas não a ponto de rasgar (tanto) dinheiro.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Influencer Anninha e Urânia Planetário lançam projeto educativo inédito

A influenciadora Anninha, conhecida por seu público infantil nas redes sociais e a Urânia Planetário, uniram forças para criar um espaço dedicado à astronomia, educação e curiosidade científica. O resultado será um planetário fixo instalado na mansão da influenciadora, com inauguração marcada para 18 de dezembro de 2025. A motivação é forte: unir o alcance da Anninha com a expertise da Urânia para alcançar crianças, escolas e famílias, inspirando o amor pelo universo desde cedo.

O contato inicial partiu do pai da Anninha, que percebeu grande compatibilidade entre o universo de educação e entretenimento da filha com a missão da Urânia de democratizar o conhecimento científico. Em um primeiro momento o projeto começou com um laboratório na casa, aproveitando o que havia de espaço. Com o tempo, o alinhamento entre os valores e públicos levou à decisão de transformar o espaço em um planetário fixo, refletindo o compromisso de longo prazo com educação e divulgação científica. Esta iniciativa foge de uma simples negociação comercial e representa o início de um projeto educativo ambicioso, com foco real em impacto social e formação de novas gerações de curiosos pelo cosmos.



Divulgação

O público-alvo principal são crianças em idade escolar, famílias e professores de Belo Horizonte e região. A proximidade da mansão com bairros frequentados por famílias e sua localização visível da rua em uma área próxima à região da Pampulha, torna o planetário acessível e convidativo. A expectativa é que o espaço atraia

escolas, projetos sociais e famílias interessadas em complementar a educação formal com experiências sensoriais e científicas. A iniciativa pretende ampliar o alcance da Urânia em Minas Gerais e reforçar seu papel de ponte entre ciência e público infantil.

A Urânia Planetário já impactou aproximadamente 1 milhão de alunos com seus planetários itinerantes e experiências imersivas em ciências naturais e astronomia. Com a inauguração deste planetário fixo, a organização reafirma sua visão de longo prazo: democratizar o ensino das ciências e alcançar um público cada vez maior, transformando curiosidade em conhecimento e despertando o gosto pela ciência desde cedo. A parceria com Anninha representa uma nova fase desse compromisso.

Desde sua fundação, a Urânia uniu tecnologia de projeção full dome 4K, som envolvente e uma equipe de astrônomos e educadores para levar o universo até escolas e comunidades Brasil afora. Com unidades itinerantes e agora com esse primeiro espaço fixo, a Urânia consolida sua posição como referência em educação científica e experiências astronômicas no país.



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Evento no Rio reúne jovens para criar soluções de inteligência artificial com impacto social

O Rio de Janeiro sediou, nos dias 13 e 14 de dezembro, mais uma edição do Devs de Impacto, maratona de inovação que mobilizou 112 desenvolvedores, organizados em 20 grupos, para criar soluções de inteligência artificial aplicadas a desafios sociais, com foco na segurança alimentar no Brasil. Após 36 horas de imersão, o projeto vencedor foi o Vitalis, plataforma que propõe facilitar o acesso de pequenos produtores e agricultores familiares ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). A solução atua orientando os produtores sobre critérios, documentação e elegibilidade exigidos pelo programa, além de conectá-los diretamente a prefeituras e escolas interessadas na compra de alimentos. Do outro lado, as instituições informam suas demandas, e o sistema gera recomendações com base no perfil dos produtores e nas necessidades de cada município. O time vencedor é formado por estudantes do Inteli (Instituto de Tecnologia e Liderança), em São Paulo. Gabriel Pelinsari (21), Matheus Santos (21), Paula Piva (22), e Maurício de Azevedo (22).

Controlar a TV pelo celular

A MultTV acaba de lançar uma nova funcionalidade que permite aos assinantes utilizarem o próprio smartphone como controle remoto para navegação na plataforma de TV. O recurso integra celular e televisão em um mesmo fluxo, possibilitando que o usuário escolha, pesquise e direcione conteúdo diretamente do celular para a TV, sem depender de dispositivos adicionais. A ferramenta surge em um momento de consolidação da smart TV como principal hub de entretenimento digital dentro dos lares brasileiros. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, Tecnologia da Informação e Comunicação do IBGE, 64,2 por cento da população conectada utiliza a televisão como dispositivo de acesso à internet. Para o setor, o movimento redefine a competição e amplia a importância da interface de navegação. Com a nova funcionalidade, provedores regionais de internet passam a oferecer uma experiência mais fluida e integrada, ampliando a competitividade em relação às grandes operadoras.